

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
HISTÓRIA LICENCIATURA NOTURNO**

JÉSSICA DOS SANTOS SOUZA

**COOPERATIVISMO NO CAMPO: UM ESTUDO DA COOPERTREZE
(1850-1882)**

SÃO CRISTOVÃO

2015

JÉSSICA DOS SANTOS SOUZA

**COOPERATIVISMO NO CAMPO: UM ESTUDO DA COOPERTREZE
(1950-1982)**

Artigo científico
apresentado à disciplina
Prática de Pesquisa, curso
Licenciatura em História do
Departamento de História da
Universidade Federal de
Sergipe sob a orientação do
Prof. Dr. Lourival Santana
Santos.

SÃO CRISTOVÃO

2015

COOPERATIVISMO NO CAMPO: UM ESTUDO DA COOPERTREZE (1950-1982)¹

COOPERATIVE IN FIELD: A STUDY OF COOPERTREZE (1950-1982)

Jéssica dos Santos Souza²

Lourival Santana Santos³

RESUMO

O presente estudo versa sobre o Cooperativismo e sua importância para formação e desenvolvimento da atual comunidade da Colônia Treze, município de Lagarto, para tanto, realiza-se uma análise das origens e do desenvolvimento do cooperativismo, para que, em primeiro lugar, se possa defini-lo melhor e em seguida, para compreender suas possíveis tendências para possibilitar por meio da união o desenvolvimento da comunidade juntamente com a pessoa de Antônio Martins de Menezes. Assim ao trabalhar com o presente tema proporcionamos uma trajetória marcada de bons e maus momentos de uma Sociedade de pessoas as quais estavam unidas com o fim precípua de desenvolver-se. Palavras chaves: Cooperativismo, desenvolvimento, Comunidade, União.

ABSTRACT

This study deals with the Cooperative and its importance for development of the current community Cologne Thirteen, Lizard municipality, therefore, carried out an analysis of the origins and development of cooperatives, so that, first, it can be defined it better and then to understand their possible trends to enable through union community development. So when working with this theme provide a marked path of good and bad times of a people Company which were united for the purpose of preciput develop.

Keywords: Cooperatives, Development, Community, Union

INTRODUÇÃO

O sistema COOPERATIVISMO é uma organização de pessoas que são baseados em valores de ajuda mútua e responsabilidades, democracia, igualdade, equidade e solidariedade. Seus objetivos econômicos e sociais são comuns a todos os seus associados

¹ Artigo Científico apresentado à disciplina Prática de Pesquisa

²Graduanda do Curso de História/Licenciatura da Universidade Federal de Sergipe.

³ Orientador, Doutor em Geografia Agrária e Professor do Departamento de História da Universidade Federal de Sergipe.

que acreditam nos valores éticos da honestidade, transparência, responsabilidade social e preocupação pelo seu semelhante.

Criado em 1844 na aldeia de Pobros de Rochdale, Inglaterra, por meio de Robert Owen que deu exemplos de humanidade e coletivismo, proporcionando desenvolvimento e gerando criação de uma Cooperativa de consumo. Nascia a Sociedade dos Probos, conhecida como a primeira cooperativa moderna do mundo. Ela criou os princípios morais e a conduta que são considerados, até hoje, a base do cooperativismo autêntico. Em 1848 já eram 140 membros e doze anos depois chegou a 3.450 sócios com um capital de 152 mil libras.

No Brasil o movimento iniciou-se em 1889, na cidade de Ouro Preto (MG), com a criação da primeira cooperativa de consumo de que se tem registro, denominada Sociedade Cooperativa Econômica dos Funcionários Públicos de Ouro Preto. Em seguida, além de se espalhar por Minas Gerais, alcançou outros estados como Pernambuco, Rio de Janeiro, São Paulo, Rio Grande do Sul. Foi o pontapé inicial para o surgimento de cooperativas de diversos ramos no país.

Em 1902 surgia às cooperativas de crédito no Rio Grande do Sul, por iniciativa do padre suíço Theodor Amstadt. Já as cooperativas rurais tomaram impulso a partir de 1906 naquela região, fundadas geralmente por imigrantes de origem alemã e italiana, que trouxeram de seus países a cultura do trabalho associativo e as experiências em atividades familiares comunitárias, que os motivaram organizarem-se em cooperativas.

Nessa perspectiva surgiu em Sergipe no ano de 1940 por meio da criação de programa de governo, o qual concedeu meios financeiros para criar as Cooperativas, mas não concedendo o principal que seria suporte de como lidar com as possíveis dificuldades para o funcionamento e continuidade das empresas, ocasionando em pouco tempo de existência o surgimento e em sequência falência de várias Associações.

Assim comum a outros modelos de Cooperativa, a Coopertreze, localizada no município de Lagarto/SE foi uma sociedade cujo capital era formado pelos associados e tinha por finalidade de somar esforços para atingir objetivos comuns que beneficiem a todos e que pudessem prosperar e sobressair de acontecimentos que foram considerados irreversíveis pela maioria dos moradores existente, durante um tempo.

Atualmente existem vários modelos de Cooperativas. Algumas têm como finalidade a comercialização de bens produzidos por membros, são as chamadas cooperativas de produção, outras têm a finalidade de comprar bens de consumo e revendê-los a seus associados a preços mais baratos que os do mercado; são as cooperativas de consumo.

Outras, finalmente podem prestar serviços, como transporte de carga, abastecimento de água, distribuição de energia elétrica; são as cooperativas de serviço. Outras fornecem recursos financeiros aos seus associados; chamam-se cooperativas de crédito como foi o caso da Coopertreze.

Pouco tem sido escrito sobre a História da Colônia Agrícola do Treze e quando o faz em maioria de maneira resumida, principalmente sobre sua formação se direcionando em maior quantidade para contribuição da Coopertreze para seu desenvolvimento, sendo que na maioria os trabalhos abordam essas temáticas separadas, permitindo na maioria o estabelecimento de lacunas possibilitando deduções sem reais fundamentos, onde sua formação é considerada somente a partir da vinda da Cooperativa Mista do Treze, o que na realidade não é verídico, existindo moradores anteriormente.

As pessoas que viviam neste espaço trabalhavam antes mesmo do ano de 1962 e ali se instalaram devido a facilidade empregada por um senhor de nome Antônio Martins de Menezes e as necessidades econômicas, os quais sofriam por dificuldade financeira, despossuídos de assistência médica e terrenos onde pudessem trabalhar e produzir mantimentos para o próprio sustento e da sua família e principalmente com a falta de moradia.

Detentor de uma história rica, mas que tempos passara despercebida, a comunidade agrícola do Treze, permite considerar aspectos importante, como retratar sobre a formação da Colônia Treze, o que servem para entender os conflitos e o processo da introdução da agricultura e comercialização presente na comunidade que foram fundamentais para impulsionar a economia e o desenvolvimento do local, recebendo destaque alguns autores que trataram sobre a temática.

O livro Memorial Coopertreze: 20 anos de Historia, de Wellington de Santana, que apesar de ser um material resumido diante do assunto que pode ser explorado, mas muito importante, servindo para entendermos sobre as dificuldades e estratégias que influenciaram para o sucesso da comunidade. Assim mostrando também a importância do considerado fundador Antônio Martins de Menezes e principalmente a importância da Cooperativa para desenvolvimento da atual Colônia Treze.

Temos também outros trabalhos realizados por alunos de Instituições, localizada na cidade de Lagarto, que faz análise sobre a História da Coopertreze, sendo estudos sucintos, deixando dúvidas sobre sua real formação, mas podendo servir para se embasar ou para levantar algumas considerações.

Mas apesar desse quadro existi também bons trabalhos com maior aprofundamento sobre a temática, apresentando o quadro social, econômico e geográfico, com destaque para duas Historiadoras, Maria Lopes e Ilene Fraga, ambas formadas pela Universidade Federal de Sergipe (UFS) que abordam temas associados na sequencia, as quais de forma individual abordam a Formação da Colônia Agrícola do Treze com destaque para Antônio Martins de Menezes e participação da Cooperativa para o desenvolvimento da comunidade.

Estudos esses que também visam recuperar o início da colonização da Colônia Agrícola do Treze, mas onde ainda assim continua pouco conhecido e explorada pelos moradores e historiadores existentes, haja vista que este período foi também pouco explorado pelos trabalhos acadêmicos.

Observa-se assim dentro do universo do que foi escrito e pesquisado relacionado à temática, permite na maioria dos trabalhos o estabelecimento de lacunas onde não fica claro na maioria quem foi o responsável ou responsáveis pela formação e desenvolvimento da colônia Agrícola do Treze.

Presente da pouca atenção voltada para o assunto tem-se a necessidade de melhorar e aumentar as fontes que explore a temática a qual se encontra por momentos de alternâncias, tempos trabalhado, outro esquecido. Trazendo assim a certeza do fundador e os principais responsáveis por seu desenvolvimento, aumentando assim o número de documentos referente à temática, centrada na Cooperativa que funciona atualmente na Colônia Treze, mas que não recebi a importância merecida, atualmente perdida maior parte dos arquivos, sofrendo com a falta de cuidado para preservação dos materiais ali existente, quando devendo ser o inverso.

Os estudos históricos sobre a Colônia Agrícola do Treze e o Cooperativismo estão direcionados principalmente para o Cooperativismo firmando a formação da comunidade a partir do seu surgimento no ano de 1962, o que não se confirma, pois existia povoamento e exploração nos idos dos anos 50, concedida por meio de Antônio Martins de Menezes, considerado atualmente fundador da comunidade.

Perante os poucos estudos existente foi escolhido o recorte temporal entre os anos de 1950 a 1982, sendo neste intervalo que se fixaram com maior intensidade a população na região em decorrência da agricultura, principalmente a fumageira que levou ao sucesso da comunidade. Nesse sentido, entendemos que o estudo sobre o presente período poderá revelar aspectos dessa sociedade não só para o período de 1950 a 1962, mas também para tempos posteriores, apresentando pontos positivos empregado pela comunidade e líderes como também pontos negativos vivenciados na época.

BREVE HISTÓRICO DA COLÔNIA AGRÍCOLA DO TREZE



Figura 7: Entrada de acesso a Colônia Treze

Fonte: <https://www.google.com.br/search?q=colonia+treze+lagarto>

Considerado o número Treze como sinônimo de azar, a região onde se formou a Colônia Agrícola do Treze, atualmente apenas Colônia Treze que recebeu este nome em virtude de estar centralizada em local distando 13 quilômetros de Lagarto e mesma distância do posto fiscal de Saldado, isso considerado até anteriormente o que foi alterado com a nova medição realizada pela construção da Rodovia Lourival Batista, modificando para 15 quilômetros até a cidade de Lagarto e 8 quilômetros até a cidade de Salgado.

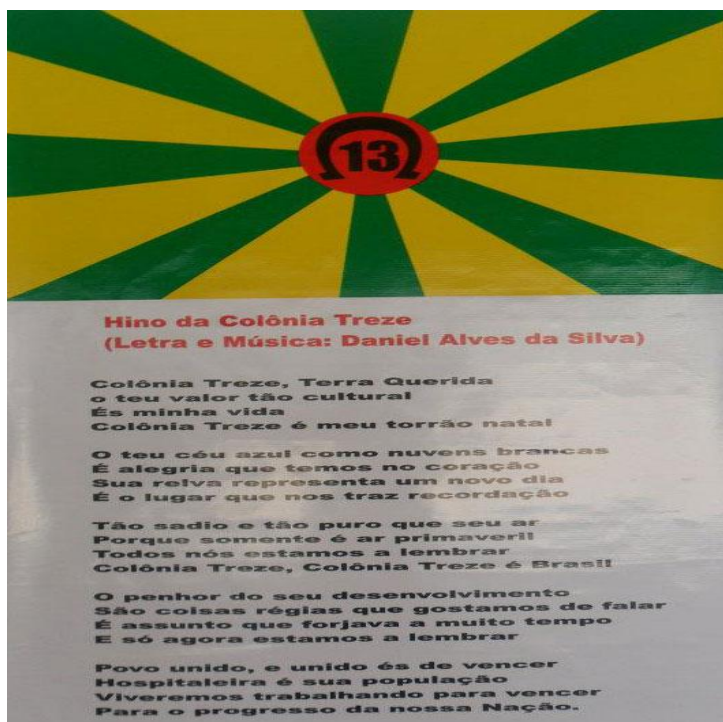


Figura 1: Bandeira e Hino da Colônia Treze

Fonte: <http://www.lagartense.com.br/biblioteca/downloads>

Inicialmente considerada local de terras improdutiva por ser coberta de Mata Atlântica e de um solo com alto grau de acidez, o que comprometia a fertilidade da Comunidade Agrícola do Treze, inicialmente teve dificuldade para conseguir desbravar essas terras, o que só fora alcançado por meio de muito esforço aplicado na cultura do fumo, conseguindo alcançar posteriormente um desenvolvimento invejável, empregado inicialmente por Antônio Martins de Menezes e depois pela Coopertreze (COOPERATIVA MISTA DOS AGRICULTORES DO TREZE LTDA).

Diante de várias dificuldades para implantação e desenvolvimento, foi fundamental a pessoa de Antônio Martins de Menezes para formação da comunidade a qual passou por problemas econômicos e de ordem naturais interrompendo temporariamente seu sucesso, diminuindo a esperança do Sr. Antônio Martins e moradores os quais acreditaram com o passar dos anos poder tornar essas terras as mais produtivas, gerando uma melhor qualidade de vida para suas famílias.

ANTÔNIO MARTINS DE MENEZES, DEBRAVADOR DE NOBRE CORAÇÃO.

Fundada por Antonio Martins de Menezes, nos idos dos anos 50, sendo este de família bem sucedida e respeitada, morador da cidade Lagarto/SE, trabalhava com plantio de fumo, localizando seu deposito no povoado de nome Sobrado também localizado na cidade de Lagarto, onde eram armazenados e depois comercializados para localidades vizinhas.

Considerado um homem até mesmo em dias atuais, que nasceu para fazer o bem se utilizando de comportamentos éticos para conseguir alcançar seus objetivos na vida, não prejudicando ninguém, pelo contrário, tentava ajudar as pessoas mais carentes, principalmente àquelas que não tinham de onde conseguir tirar seu próprio sustento. Talvez uma possível forma de vir influenciar a sua futura candidatura como prefeito da cidade de Lagarto.



Figura 2: Antônio Martins de Menezes

Fonte: <http://www.lagartense.com.br/19969/colonia-treze>

Seu principal trabalho se dava por meio do cultivo de fumo (tabaco) que exigia um compromisso sério desde o plantar até o produto final, a bola de fumo, que posteriormente seria comercializada gerando os lucros para futuros investimentos, aumentando assim cada dia a sua produção o que exigia consequentemente maior número de mão-de-obra.

Em seu depósito chegou a trabalhar aproximadamente 45 pessoas, os quais se dedicavam no inverno para a agricultura do Sr. Antônio Martins de Menezes, assim tendo o verão livre para poder cultivar produtos necessários para consumo e até mesmo para comercialização dos excedentes. Esse cultivo era alcançado por meio da produção de meia (uso de terras ou instrumentos) fornecido pelo arrendador, sendo que este objetivava a divisão de metade da produção dos frutos finais aumentando ainda mais os seus bens.

Perante os incentivos e sucesso com a cultura do fumo, Antônio Martins de Menezes, conseguiu comprar nos idos dos anos 50 ao Senhor Conhecido por, Totonho, 848,4 ha, equivalente a 2.800 tarefas de terras na Colônia Treze, mostrando assim seu poder aquisitivo para época, alcançando o respeito das pessoas.

Com intuito de explorar as terras recém-adquiridas, Antônio Martins de Menezes, convidou algumas pessoas para trabalhar e produzir em suas terras, sendo àqueles que já tinham experiência no cultivo da agricultura desejada, havendo inicialmente negação por parte dos senhores, Abílio de Souza Alves, Jairo de Souza Alves, Jose Amâncio de Souza, José Pedro de Santana, Juarez Lourenço, Venâncio Bispo dos Santos, Zeca Ribeiro e outros, mas que por alguns ganhos em troca, iniciaram a colonização da comunidade e consequentemente sua exploração.

Inicialmente verificaram-se rejeições por parte desses senhores que além de ter receio de não dar certo sua vinda, se martirizavam com medo que as plantações não desenvolvessem, assim perdendo seu tempo e investimentos realizados.

Para reverter essa situação de descrença, ajudando esses senhores com o plantio e cultura do fumo, Antônio Martins de Menezes, fornecia cotas de adubos, instrumentos de trabalho com enxada, mudas, com a finalidade de aumentar a produção e como desejo de que estes trabalhadores vendesse o produto final, fumo, principal produto explorado na época daquela região.

No ano de 1953 a cultura fumageira estava em grande desenvolvimento, perante o desempenho e dedicação dos colonos e graças o espírito solidário do fundador da comunidade, Antonio Martins de Menezes, que concedia empréstimos a estes agricultores para se investir cada dia mais. Perante toda essa facilidade para os colonos, a plantação fumageira estava em toda expansão, produtores da região acreditavam a cada dia que a sorte estava ao seu lado. Veja: SANTANA.

Apesar de comerciante o Sr. Antônio Martins de Menezes tinha um bom coração. E para trabalhar na terra recém adquirida, convidou alguns agricultores e lhes emprestou SM ônus, as glebas antecipadamente para o plantio do fumo... (1982, p.12)

Diante de todo esse desenvolvimento em 1953 aconteceu uma praga inesperada que veio colocar as esperanças de prosperidade a baixo tanto do proprietário quanto dos funcionários, sendo assim que todo o trabalho desenvolvido até então fora perdido, deixando os agricultores impossibilitados de pagar dívidas contraídas junto ao banco do Brasil que por meio de Antônio Martins financiava empréstimos.

Foi uma terrível praga, lagartas devoravam as folhas do fumo e destruía toda a roça em questão de dias. Frente à rapidez que consumia a plantação destruíam as roças existentes da região e nada se podia fazer diante da velocidade que se dava. Plantações foram sumindo até que não existiu nenhuma folha de fumo.

Diante da praga, alguns colonos foram embora pela decepção e desanimo em prosseguir ou tentar se reerguer, enquanto outros preferiram (minoría) se dedicaram a outras atividades temporariamente até que a praga viesse desaparecer.

Os colonos levaram meses para conseguirem reconstruir as roças de fumo, e só foi alcançado por meio de estímulos e de um trabalho árduo da comunidade que era otimista. Mas apesar das complicações os colonos venceram a primeira dentre as dificuldades que viriam enfrentar.

Frente à retomada e expansão da agricultura já com as dificuldades vencidas o mercado consumidor se tornando prioridade com incentivo ao aumento da produção, se fazendo necessário que seus produtores viessem desbravar as terras localizadas na Colônia Agrícola do Treze para assim aumento da produção.

Após o ocorrido os trabalhadores não mostravam mais interesse por continuidade a exploração ou até mesmo atraís futuros trabalhadores, tinha medo de que viesse passar pela mesma situação novamente assim perdendo seus investimentos e ficando endividados. Assim se fazendo necessárias as doações de 10 lotes (3 h) de terras para os seus funcionários que se deu como estratégia para agora povoar.

O objetivo de Antônio Martins estava sendo colocado em prática, à expansão da produção passara aumentando a cada dia, funcionários estavam satisfeitos, pois além de receber 10 lotes de terras, estes vinham legalizados por meio da lei com as escrituras, o que estimulavam e dava maior segurança de que àquele pedaço de terra era seu, além de conseguir desbravar àquela comunidade.

Por meio das várias tentativas de retomada ao desenvolvimento da comunidade, mas sempre diante do fracasso o agora prefeito da cidade de Lagarto Já em 1958, optou por doar suas terras para que atraísse os colonos. Assim,

...Diante da primeira investida inglória o senhor Antônio Martins de Menezes resolveu então, em 1959 já prefeito de Lagarto, eleito que foi pelo voto popular no ano anterior, dividir parte da sua propriedade em lotes de 10 tarefas 93 há.) cada um. Esses lotes divididos, em números de dez, foram doados através de escrituras publicas.... (1982 p.13)

Apesar das doações realizadas, Antônio Martins de Menezes, alcançou algumas vendas de lotes, ressaltando que a produtividade desses terrenos que foram comprados se comparado aos que foram ganhos, inicialmente obtiveram uma produtividade superior, demonstrando que normalmente não se valoriza o que se ganha.

Se não fosse a garra ou ambição de Antônio Martins de Menezes que além das terras adquiridas anteriormente, quando já prefeito no ano de 1959 conseguiu mais 50 varas de terras por meio de compra junto ao senhor Tiburcio de Tal, o que possibilitou mais 80 doações, totalizando 90, onde dentre as pessoas que receberam estes lotes estavam os Srs. Antônio Gois, João Lourenço; José Cornelho de Souza, José Martins de Menezes, Pedro Martins, entre outros.

Diante de tal sucesso com estes lotes doados ainda no ano de 59 foram concedidas aproximadamente 90 famílias onde Antônio Martins de Menezes continuava como avalista junto ao Bando do Brasil S.A, diante do valor concedido, eram destinados 80 contos para construção da casa e 40 contos para cultivo do fumo que exigia um investimento com adubos, mão-de-obra, entre outros, totalizando 120 contos.

Passados um tempo ocorreu uma superprodução do fumo, não esperada por obter tanto sucesso, a superprodução trouxe consequências em que o mercado não conseguia comprar toda demanda como nos anos anteriores, o que resultou sua comprar a preço baixo.

Seu proprietário teve que vender este produto para os mercados do Norte e Nordeste, endividado não tendo como pagar as dívidas realizada junto ao Banco, assim tendo que se desfazer da propriedade a vendendo para o Sr. Antônio Fraga Martins, que tinha o desejo de lucrar, objetivando desenvolvimento econômico e em segundo plano da comunidade.

Antônio Fraga Martins de procedência de familiar também bem sucedida traz para o local a introdução de uma Indústria Sisal e Cerâmica não tendo êxito e caindo em pouco tempo na falência, Mostrando sua falta de personalidade ao fugir abandonando seus funcionários e propriedade levada a leilão e arrematada pelo seu antigo dono, Antônio Martins de Menezes, que agora retoma seu sonho de prosperar e reerguer o local.

Mas uma vez revertida o quadro de desespero, tudo na comunidade voltava ao normal, a produção e o sucesso alcançado passava influenciar outros agricultores e até mesmo recuperar àqueles que o abandonou anteriormente, aumentando o número de produtos de comercialização (fumo) e até mesmo mais recente os de subsistência. Devido aos bons momentos que estava a favor dos lavradores, encontravam força de vontade do então prefeito, agricultores e do clima adequado, fazendo com que a comunidade agradecesse por tal desenvolvimento.

Ano de 1962 voltava a aumentar a produção, as conquistas do mercado consumidor, melhores condições de trabalho era desenvolvida, esta situação favorável durou por um tempo, até quando foi novamente revertida a por um fenômeno de ordem natural, acontecia uma forte chuva que destruiu praticamente toda agricultura e estrutura existente, as plantações, animais e principalmente cerca de 85 das 109 casas ali existente.

Esse temporal veio acompanhado de terríveis ventos os quais destruíram mais uma vez a comunidade, pondo fim ao sonho de desenvolvimento da Colônia Agrícola do Treze. A região estava em estado de calamidade, sendo que os colonos perderam tudo, vestes, ferramentas de trabalho, alimentos de consumo no dia-a-dia e o principal, suas casas que mesmo sendo humildes era onde podia descansar com a certeza que no outro dia poderia voltar para acalmar-se.

Parecia mesmo que o Treze tinha tudo para não se tornar o que é atualmente, colonos começou a migrar, por sentimento de fracasso ou por endividamento junto ao banco, sem condições de sanar suas dívidas via este fim com solução.

Alguns moradores ainda assim optaram por permanecer na região com um espírito otimista, tiveram a iniciativa de juntamente com o prefeito da cidade, Antônio Martins de Menezes, recorrerem ao governador de Sergipe na época, Seixas Dória, para encontrar uma solução diante da situação que era preocupante.

Perante a situação o governo do Estado teve que enviar sextas básicas para a população amenizando a situação de fome e o prefeito mais uma vez avalizou empréstimos feito junto ao Banco do Brasil S.A para que reiniciassem suas atividades.

Inconformado com momentos de alternância, horas estava tudo bem, momento em estado de calamidade, o fundador reuniu-se junto ao representante do Banco do Brasil para rever suas perdas e desenvolver a comunidade, decidindo assim por em prática o plano de Cooperativismo. “Com esse propósitos fomos buscar organizações rurais- Associações Rurais e Coopertreze- Cooperativa Mista do Treze- sediadas em comunidades dos municípios de lagarto e Salgado”. (MENEZES, 2001, p. 185)

COOPERATIVISMO: ARDUA CAMINHADA RUMO AO SEU SUCESSO

Criada em 23 de setembro de 1962, após a ocorrência de reuniões realizada por órgãos público que estavam interessados na recuperação da comunidade e por meio do apoio do governador do Estado, vieram a tornar realidade a iniciativa de por abaixo a situação de flagelados por parte dos trabalhadores, possibilitando uma maneira de melhorar também as condições de assistência e bem estar e principalmente voltar a desenvolver a comunidade.

Agentes financeiros recorreram a resoluções imediatas para solução do problema, os quais recorreram procurando acessória junto a órgãos como o INDA atual INCRA, SUDENE e a CONDESE, atual secretária do planejamento, as quais por meio de reuniões optaram por criar o grupo dos trabalhadores visando resolver esta situação, onde por meio de várias assembleias, optaram pela criação da Coopertreze, que tiveram apoio entre outras do Sr. Jamil, inspetor do Banco do Brasil.

Estava nas mãos da nova Cooperativa Coopertreze o desenvolvimento da comunidade, buscando pela recuperação, conseguindo retirar a região da situação de calamidade pela qual passaram por vários momentos, possibilitando melhores condições de vida para sociedade e se tornando modelo de cooperativismo o que veio influenciar na criação de outras, levando ao reconhecimento a nível nacional.

Após a compra de terras e fornecê-las para exploração, a Cooperativa além de incentivos, concedia também empréstimos em dinheiro aos agricultores que tinham como compromisso pagar com a produção colhida, ou seja, cotas de fumo, inicialmente, posteriormente adentrando cultura do maracujá, laranja e outros produtos. Maior parte da produção fumageira era comercializada nacionalmente, acontecendo também internacionalmente, mostrando o prestígio adquirido por esta Associação que chegava comprar não apenas desses pequenos agricultores como também do Nordeste.

Essa intensificação e reerguimento foram alcançadas por meio da união da comunidade e cooperados, que utilizando o dinheiro emprestado pelo banco davam início ao preparo das terras e como muitos eram conhecedores da plantação do fumo (tabaco) por ser lucrativa, optaram por seu cultivo. Os cooperados utilizavam os sistemas de mutirões e/ou trocas de dias.

Além de produtos destinados a fins comerciais (fumo), veio à necessidade de introduzir outros produtos, tornando uma cultura mais diversificada, permitindo maiores opções de comércio e atendimentos aos polos comerciais, além de possibilitar o descanso

das terras por meio do emprego de outros plantios, não as desgastando apenas com a monocultura. Assim se introduziu a cultura da Laranja, mamão, do Maracujá, sendo que inicialmente tiveram dificuldades no cultivo desta, pois os agricultores desconheciam como lidar e principalmente produzir as mudas.

Diante de tal situação foi necessário que por meio da Coopertreze associados realizassem cursos de cultivo para melhor desenvolver a agricultura do Maracujá financiada pela Coopertreze, sendo que recebiam certificado e após o retorno destes agricultores que iam realizar os cursos até mesmo fora de Sergipe, realizavam o cultivo das mudas que eram entregues a Cooperativa e as repassavam para os associados e aqueles que desejassem obtê-las por meio da compra.

Seu cultivo se dava de maneira conjugada com a laranja também introduzida na comunidade, assim tendo o objetivo de ocupar menor quantidade de terras para que pudesse sobrar espaço para outros produtos além de desgastar menos os solos, possibilitando seu descanso.

Com passar de alguns anos também se voltam para produção de subsistência, como o feijão, milho, mandioca e outros. Além de serem consumido no dia-a-dia dos colonos, realizavam a comercialização destes no comércio local posteriormente desenvolvido ou até mesmo trocados com os vizinhos por outros alimentos que estavam em falta na sua mesa.

Por meio desse sistema e desenvolvimento da Coopertreze possibilitou o início a feira em 62 que começou timidamente, mas trazendo bons resultados atraído pessoas de outras comunidade. Inicialmente criada pelo Senhor de nome Jairo Fontes de Oliveira, se desenvolveu inicialmente na Pista do Açuzinho, sendo que este veio convidando as pessoas para comercializar, como foi o caso dos senhores Zé Paulo, que residia na Pista do Açuzinho, Jecundino que residia na Mangabeira, e Zé Emilio que aqui vinha negociar com o feijão. Este comércio posteriormente veio crescer atraindo pessoas dos povoados como Luiz Freire, Mangabeira, Açuzinho, Cova da Onça, entre outros.

Além dos produtos mais procurados, como o fumo, outros alimentos contribuíam no aumento da renda familiar, sendo estes comercializados em outras feiras como as de Itabaiana e Aracaju. Por meio da comercialização da sobra dos produtos, as condições da vida familiar vieram a alcançar melhorias.

Então diante da situação percebe-se que a economia da Colônia Agrícola do Treze se tornou bastante diversificada e alcançando um espaço que poucos acreditaram ser possível, permitido inicialmente pela produção monocultora do fumo e posteriormente com a cultura do maracujá, laranja, feijão, mamão.



Figura 3: I Encontro Estadual da Cultura do Maracujá

Fonte: Coopertreze

Em seu primórdio para conseguir desenvolver a produção existente na Colônia Agrícola do Treze, onde havia uma terra coberta por tabuleiros que dificultava as plantações agrícolas, colonos receberam além de empréstimos do Branco do Brasil, incentivo financeiro de Antonio Martins. Veja: SANTANA.

“... A ajuda consistia na concessão de torta de mamona-fertilizantes essencial para o desenvolvimento normal da lavoura - e até recursos financeiros, somente com o intuito de ajudar aos menos desfavorecidos...”. (1982, p.11)

No intuito de fazer desenvolver a comunidade, as colonizações continuada agora pela Coopertreze junto com os habitantes que derramaram suor e tentaram fazer de tudo para acelerar seu crescimento utilizando da produção do fumo na região.

Como eram poucos o número de trabalhadores diante da demanda do mercado consumidor, se viu como estratégia no aumento dos produtos e opção dos produtores por se utilizar comunidade se fazendo valer da ajuda mutua, aumentando ainda mais a produção agrícola, sendo essa uma estratégia de ampliação não somente da área de cultivo como também obtenção de maior lucro.

Essa prática era realizada por meio de troca de dias entre os camponeses, o que se dava mais precisamente da seguinte forma: os produtores possuíam sócios, os quais eram produtores rurais, estes sócios se comprometiam em fornecer um dia de trabalho por semana aos outros sócios aumentando o número de pessoas trabalhando, consequentemente aumentando a produção que teria era feita em menos dias e com maior rapidez.

Esta engrenagem de produção fazia diferença, possibilitando aumento da produtividade na mediada que ajudava no momento de fabricar o fumo, ou maracujá, desenvolvendo assim um sentimento de irmandade entre os produtores os ajudando um ao outro com passavam por dificuldade ou na mesa, por falta de alimento ou falta de instrumentos para trabalho.

Assim por meio do sistema desenvolvido todo agricultor tinha mão de obra extrafamiliar no período da conhecida feitas dos maracujás, laranja e principalmente fumo, sendo o momento que a planta bruta era transformada nas chamadas “bolas de fumos”, nessa fase o fumo era enrolado na madeira Seri, para que fosse comercializada.

Nessa fase se necessitava de maior número de mão-de-obra. Mesmo diante da ajuda mútua pelos agricultores, esse sistema representa o grau de organização e aumento da principal atividade econômica, se tornando eficaz.

Solucionando os problemas existente a Coopertreze inicialmente chamada Cooperativa Agrícola do Treze LTDA, após se chamando COOPERTREZE- Cooperativa Mista dos Agricultores do Treze LTDA alcançou seus objetivos trazendo o que havia de melhor para comunidade, Posto de saúde, festejos, poços de águas entre outros serviços.



Figura 4: Centro de Assistência Médica

Fonte: Coopertreze

A esperança para os agricultores de conseguirem uma vida melhor depois de tanto sofrimento, foi administrada inicialmente pelo Sr. José Firmino de Araújo, e prestando o Banco do Brasil assessoria administrativa quando necessário, enviando desta forma pessoas para supervisionar, como foi o caso do Sr.^a Elma Pereira do Lago, inspetor do Bando do Brasil S.A.

Em sua gestão, considerada uma das melhores que também chegou a financiar a Cooperativa para aquisição das terras junto ao senhor Antônio Martins de Menezes, com a finalidade de reverter este quadro de perdas mostrando estratégias para melhorar e intensificar a produção aos agricultores.

Por meio do financiamento concedido em 1963 o empréstimo de Cr\$ 78,823 milhões comprando assim 6.744 tarefas de terras (2.043,7 há), concedido para o reerguimento das casas assim foram destruídas no período das chuvas e no desenvolvimento de lavouras e futuramente construções de centro social e administrativo.

Essa Cooperativa também recebeu apoio do governo do Estado que via uma ideia boa de reerguimento, assim direcionando um investimento de Cr\$ 5 mil para cada associado que teve sua casa destruída e Cr\$ 2,5 mil para as que foram parcialmente. Este dinheiro foi colocado em caixa, ou seja, como reserva e por decisão foi direcionado para construção de Centros religiosos, residencial, chafariz para abastecimento de água para população.

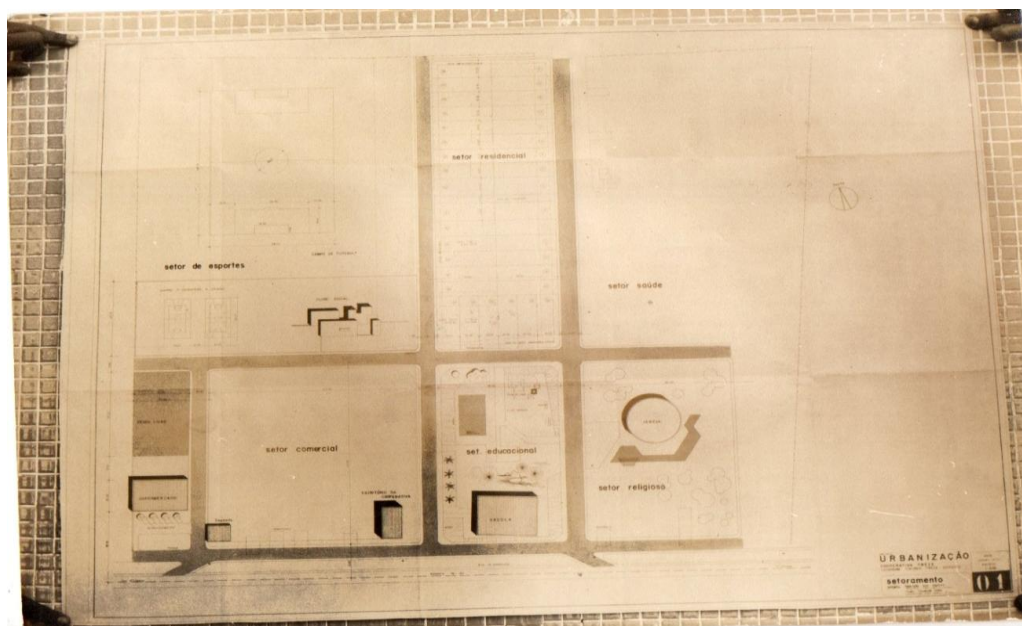


Figura 5: Planta dos Setores desenvolvido pela Coopertrez

Fonte: Coopertreze

Em 1964 a Cooperativa Mista do Treze passa por uma série de crises com a saída do então presidente José Firmino de Araújo, assumindo na sequência Elman que foi acusado de ser adepto Comunismo. Maioria dos associados (cerca de 60 dos 100) com medo, desejou que este perdesse o posto de presidência, onde por meio de inquérito esta acusação foi negada e assim permaneceu na presidência por mais um tempo.

Assim diante de tanta turbulência foi necessário antes de qualquer atitude tomada pela Coopertreze à realização de conscientização dos associados e toda a comunidade perante sua permanência, pois futuro da comunidade dependia destes cooperados mais também de um bom quadro administrativo. Assim se fez necessário o incentivo também fornecido pelo Banco do Brasil S.A, junto à implementação de esclarecimentos para a comunidade.

Após abandono a presidente da Cooperativa pelo Senhor Elman, veio ao poder vários presidentes se destacando o Sr. Luiz Alves de Oliveira, funcionário também do Banco do Brasil S.A., possibilitando que a Coopertreze desenvolvesse com maior rapidez, aumentando o número de sócios ganhando a confiança, rompendo ainda mais as barreiras da monocultura. Frente a esse quadro de desenvolvimento em 1969 consegue adquirir mais terras (5.940 tarefas) mostrando seu desempenho em resolver os problemas existentes e conseguindo sobressair destes.

Diante do seu imenso sucesso na comunidade, foi premiado inspetor do Banco do Brasil S.A em 1974, assim tendo que deixar o posto de presidente da Coopertreze, ficando um vazio temporariamente, governando as pessoas sem experiência de crescimentos e formas de poder incentivar e sobressair dos problemas que viriam acontecer.

Diante da inexperiência dessas pessoas que não tinham capacidade em administrar ou gerir uma econômica cooperativista, não houve prosperidade se comparados às gestões anteriores, alcançando compras de terras, doações, construções de chafariz, assim a Coopertreze passava cada dia mais se endividar, não tendo recursos retorno do que se investia e sem condições de custear as plantações realizadas pelos associados.



Figura 6: Gerência do Sr. Erasmo

Fonte: Coopertreze

Com o passar dos anos a Coopertreze passava organizar grandes eventos, amostras culturais, feira do maracujá e fumo, laranja, chegando a trazer grandes atrações da música brasileira como o famoso Luiz Gonzaga e atrações da terra.



Figura 7: Apresentação de amostra agrícola desenvolvida pela Cooperativa

Fonte: Coopertreze

COONSIDERAÇÕES FINAIS

Um futuro repleto de incertezas em relação às verdadeiras condições existentes para a perpetuação da comunidade agrícola do Treze, nos remete a uma reflexão para a busca de soluções e práticas de união, capazes de proporcionar o surgimento de um novo paradigma desenvolvimentista.

Assim necessitamos voltar para a busca de alternativas que possibilitem assegurar plenas condições de sobrevivência das gerações passadas e conseqüentemente das gerações futuras. Negar este compromisso com a busca de alternativas e práticas que garantiram a sobrevivência da população e da Comunidade agrícola do Treze, é antecipar um estágio de difícil solução.

Este artigo buscou demonstrar por meio do exemplo do cooperativismo que ainda há alternativas para o alcance de prosperidade de uma comunidade. Isto não significa que o cooperativismo seja imune a insucessos, porém o seu exemplo retrata com fidelidade que ainda há alternativas que permite desenvolvimento além do econômico o social. Para atingir este novo estágio necessita-se de muito incentivo e união por parte dos cooperados que descarrega em seu desenvolvimento.

Apresentado inicialmente por insucessos, mas que por meio dos moradores e associados, já conhecedores das culturas e com investimentos adquirido deram sequencia após essa situação ao desenvolvimento, acarretando no que atualmente é a Colônia Treze, sendo seu sucesso refletido no que hoje é considerada, um dos maiores e respeitado dos municípios de Lagarto, com cerca de 22 mil habitantes segundo o censo 2010 realizado pelo IBGE.

Possuindo atualmente características de cidade, assim considerado atualmente como Bairro. Possuidor infraestrutura voltada para Escolas, Posto médico, Igrejas, Farmácias, Supermercados, Pontos de Bancos, Energia Elétrica, Quadra de Esporte, Água encanada, Posto de Gasolina, Ampla feira de comércio, Casas de festa, Polo de Universidade (UFS), entres outros estabelecimentos.

REFERENCIAS

MENEZES, Ana Virgínia Costa & PINTO, Josefa Eliane S. DE S. Linhas Geográficas/ organizado por Ana Virgínia Costa Menezes e Josefa Eliane Santana de Siqueira Pinto. Aracaju, Programa Editorial NPGeo/ UFS, 2001.

ORGANIZAÇÃO DAS COOPERATIVAS BRASILEIRAS. **Cooperativismo brasileiro: uma historia = Brazilian cooperativismo : a history.** Ribeirão Preto, SP: Versao Br. Comunicação e Marketing, Ministério da Cultura, 2004. 151 p.

RIOS, G.S. L. **O que é cooperativismo.** São Paulo: Brasiliense, 1981 (Col. Primeiros Passos).

SILVA, Rosemiro Magno da. Assentamentos de pequenos produtores rurais em Sergipe 1945-1992. Aracaju – Secretaria da Agricultura, do Abastecimento e da Irrigação, 1996.

SANTANA, Wellington de. Memorial Coopertreze: 20 anos de História 1962-1982, Ocese, UFS1982.

SANTOS, Corália Maria dos. Ruralidades Agrícolas e não Agrícolas em Lagarto (SE). NPGeo-UFS, Aracaju, 2009

ENTREVISTAS

NOME DO ENTREVISTADO – DATA- IDADE

João Albino Santos- 06/01/2015-77 Anos

Manoel Monteiro dos Santos-24/12-2014- 64 Anos